

RELAÇÕES E DISTINÇÕES NA APLICAÇÃO DO ENSINO PERSONALIZADO NO COLÉGIO SANTA CRUZ (1959-1962)

Tibério Storch de Souza¹, Stefanie Schreiber², Norberto Dallabrida³, Tânia Regina da Rocha Unglaub⁴

¹Acadêmico do Curso de História - Bacharelado - FAED/UDESC – bolsista PIBIC/CNPq

² Acadêmica do Curso de História – Bacharelado - FAED/UDESC – Bolsista PIBIC/CNPq

³Orientador: Departamento de Ciências Humanas - FAED/UDESC. norbertodallabrida@hotmail.com

⁴Orientadora: Departamento de Pedagogia a Distância CEAD taniaunglaub@gmail.com

Palavras-chave: História da Educação; Ensino Personalizado e Comunitário; Classes Secundárias Experimentais.

Esse resumo apresenta resultados parciais produzidos a partir da leitura e análise de documentos referentes à prática e implementação do modelo pedagógico de Ensino Personalizado e Comunitário, na Classe Experimental Secundária (CSE) do Colégio Santa Cruz; um colégio masculino, católico e privado, localizado no bairro de Alto de Pinheiros, em São Paulo.

Essa pesquisa foi desenvolvida durante a vigência da bolsa de iniciação científica PIBIC (agosto de 2016 a julho de 2017), e integra o projeto de pesquisa intitulado “Cultura Escolar nas Classes Secundárias Experimentais nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo (décadas de 1950 e 1960)”, coordenado por Norberto Dallabrida, que visa compreender a cultura escolar nas Classes Secundárias Experimentais de colégios localizados nos referidos estados entre 1950 e 1960.

Para analisar as práticas e implementação do modelo pedagógico de Ensino personalizado e Comunitário da CSE do Colégio Santa Cruz, foi retomado algumas discussões levantadas por Stefanie Schreiber, durante o processo de elaboração de seu trabalho de conclusão de curso. Que apresentou e questionou o conjunto de práticas pedagógicas propostos por Pierre Faure na referida instituição. Também foi utilizado debates levantados por Letícia Vieira, em sua dissertação intitulada, “Um núcleo pioneiro da Educação Secundária Brasileira: as primeiras Classes Experimentais do Estado de São Paulo (1951-1961). A partir da retomada desses trabalhos, percebemos a situação que o ensino brasileiro se encontrava, bem como o cenário político educacional do mesmo período.

Como o objeto de estudo é a análise do Ensino Personalizado e Comunitário, assim como suas apropriações e aplicações, é necessário fundamentar teoricamente o modelo pedagógico



proposto, abrangendo assim suas rupturas e continuidades. Nesse sentido, é profícuo destacar o conceito de apropriação proposto por Chartier (2001), definindo o consumo cultural como uma operação de produção que, embora não fabrique nenhum objeto, assinala a sua presença a partir da maneira de utilizar os bens culturais disponíveis. Compreendendo que existem diferenças entre o prescrito e o praticado do Ensino Comunitário e Personalizado, esse texto utilizou a análise da cultura escolar que ali se construiu e modificou. Foi utilizado o conceito de Viñao Frago (1998), onde a cultura escolar recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior da escola, transitando de estudantes a professores, de normas a teorias. Nessa concepção, a cultura escolar abarca o cotidiano e a sociedade, possuindo diferenças entre as instituições e níveis educativos, atribuindo individualidades e singularidades a cada instituição.

Para a discussão desse tema é preciso compreender o que são as classes secundárias experimentais e o que elas representam no cenário educacional brasileiro da metade do século XX. As CSE surgiram a partir da apropriação das bases pedagógicas das *Classes Nouvelles*, elaboradas no Centre International d'Études Pedagogiques (CIEP) de Sèvres, e do Método Pierre Faure, desenvolvido no Institut Catholique de Paris, e representaram a renovação proposta pelo movimento Escola Nova no ensino secundário do Brasil que, em meados do século passado, ainda sofria forte influência do tradicionalismo pedagógico, da rigidez curricular e possuía um caráter extremamente elitista. Em segundo lugar, é necessário dar destaque a figura que representa Luis Contier, que vai a França realizar um estágio em 1950 para aprender sobre as *Classes Nouvelles*, e volta ao Brasil com novas propostas ao Ensino Secundário brasileiro. Após a experiência de Contier, em 1959 é autorizado o funcionamento de classes experimentais em colégios públicos, privados e confessionais.

O Colégio Santa Cruz, educandário privado e confessional, foi pioneiro a aderir o movimento de renovação de ensino. Buscou quebrar o distanciamento de um ensino religioso “contido” e “medroso”, a primeira turma experimental é aberta em 1959, com 30 alunos do sexo masculino, com autorização dos pais e levantando bandeiras de modernização de ensino, de interdisciplinaridade e formação integral do estudante.

A metodologia experimental aplicada no Colégio Santa Cruz buscou utilizar, não só de aportes metodológicos para transmitir conhecimento, valores e experiências aos alunos, mas sim, se apropriam do espaço e tempo, no qual estavam inseridos educadores e alunos, para fornecer ao estudante experiências, que podiam servir tanto para sua formação de caráter perante a sociedade quanto de conhecimento. Os preceptores do Colégio Santa Cruz moldaram o espaço utilizado pelos alunos e o transformaram em um ambiente harmônico, tendo em vista que as salas possuíam grandes janelas, que proporcionavam ao recinto boa entrada de luz natural, cada sala possuía também uma biblioteca, que estava sempre à disposição dos alunos. A dinâmica da aula foi influenciada, por meio da organização espacial da sala de aula, como é o caso das mesinhas dos alunos, que no começo da experiência eram mesinhas pesadas e cadeiras redondas e fixas no chão, porém com o passar do tempo foi visto que seria mais proveitoso substituí-las por mesinhas



leves e cadeiras quadradas que pudessem ser levadas a qualquer lugar e organizadas como fosse conveniente ao momento de aprendizado. O Colégio oferecia também três salas ambientes nos quais o aluno podia, além de estudar os assuntos propostos, entrar em contato com os mesmos, e trabalhando não somente de maneira individual, mas também em duplas, poderia nessas salas ocorrer o desenvolvimento da sociabilidade dos alunos, realizando assim um estudo ativo proposto pelo Ensino Personalizado e Comunitário.

A organização do tempo também foi utilizada como ferramenta de ensino, tendo em vista que os horários das atividades buscavam promover uma melhor experiência de aprendizado e vivência do aluno, a medida do tempo passou a ser vista e aplicada de forma a não interromper ou atrapalhar a absorção de conhecimento do aluno. Aliado a utilização do tempo e do espaço vinha a questão do acompanhamento de cada aluno, que ocorria desde a aplicação de fichas de trabalho, reuniões com os pais até o acompanhamento psicológico produzido pelo professor ou em alguns casos pelos psicólogos da instituição.

Por fim, a partir da coleta e análise de dados foi possível questionar as relações que se construíram entre o modelo pedagógico adotado pelo Colégio Santa Cruz e a prática de ensino posta em funcionamento na instituição, compreendendo suas apropriações, e suas singularidades que compreendem a confecção de uma nova cultura escolar.